A prática da ecologia de saberes: reflexões sobre a hipermídia educativa a invenção do outro na mídia semanal

Andréia Moassab

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1367>

DOI: 10.4000/eces.1367

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Referência eletrónica

Andréia Moassab, « A prática da ecologia de saberes: reflexões sobre a hipermídia educativa a invenção do outro na mídia semanal », *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, colocado online no dia 01 dezembro 2008, consultado a 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1367> ; DOI : 10.4000/eces.1367

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

A prática da ecologia de saberes: reflexões sobre a hipermídia educativa a invenção do outro na mídia semanal¹

Andréia Moassab

1. Introdução: é possível ecologia de saberes na universidade?

- 1 Historicamente as primeiras universidades originárias do modelo contemporâneo foram implantadas na Europa, no final da idade média, coligando projetos ligados às monarquias e ao clero. Voltadas para ensino, pesquisa e produção de saber, os interesses das universidades estiveram profundamente ligados aos jogos de poder social, seja à Igreja ou à razão, conforme concebe Kant, à cultura, segundo definições de Humboldt, e, atualmente, ao mercado (Bellei, 2006: 53). Nascida da institucionalização do ensino, sua prática não estava voltada para emancipação social, outrossim, para a formação de elites educadas, com vistas a ocupar cargos nos quadros de Estado e outras instituições. Com o avanço do modo de produção capitalista, a Universidade é um dos lugares privilegiados de produção e reprodução do paradigma cultural da modernidade. Contudo, o ensino superior sempre foi central ao desenho de valores do Estado, pautando sua missão sob o prisma da função social e nacional.
- 2 A partir dos anos 60 e adotando-se como marco as revoltas estudantis de maio de 1968 em Paris, as perspectivas kantianas da razão e humboldtianas da cultura têm sido rapidamente substituídas por preceitos basilares à eficácia de mercado (Bellei, 2006).
- 3 Neste sentido, as humanidades perdem verbas e espaço em detrimento dos saberes das ciências exatas, nomeadamente as engenharias e as novas tecnologias. O saber científico supostamente objetivo e neutro subsidia a formação de técnicos mais voltados ao

aumento da eficiência e da eficácia, segundo padrões de medidas da produtividade capitalista, e cada vez menos, aptos à reflexão crítica destes próprios padrões.

- 4 O avanço dos valores de mercado, acirrados especialmente nas últimas décadas com a consolidação da globalização neoliberal, tem penetrado diversos espaços da vida social e não é diferente na Universidade:

se invertem hierarquias de forma a privilegiar administradores mais do que docentes e pesquisadores; enfatiza-se a percepção do aluno como consumidor e do professor (devidamente rebatizado como “servidor”) como vendedor de pacotes prontos para entrega; e, por fim, institui-se a redução drástica do que se conhecia anteriormente como educação, ou seja, a formação ética do indivíduo para a cidadania e para o exercício das práticas sociais responsáveis, a formas rápidas e “produtivas” de adestramento. (Bellei, 2006: 57, aspas no original)

- 5 Com efeito, neste ambiente resta pouco espaço para saberes e conhecimentos não científicos, dotados de outras temporalidades e cujos padrões de medições diferem daqueles usualmente aceitos pela racionalidade cognitivo-instrumental, ligada diretamente ao princípio de mercado para o qual individualismo e concorrência são centrais (Santos, 2005: 77). A maneira de criar teorias reprime, deslegitima, desacredita e invisibiliza conhecimentos próprios (Santos, 2006a: 46). Este modelo de produção e transmissão de conhecimento está fundamentado sob os moldes da “educação bancária”, criticada por Paulo Freire, na qual o educando é considerado esvaziado de conteúdo e o educador, o responsável pelo seu preenchimento (Freire, 2006). A educação bancária é a pedagogia ideal para a lógica quantitativa que caracteriza a “universidade da excelência” (Bellei, 2006: 58), na qual áreas como humanidades, literatura, filosofia e artes perdem espaço por desrespeitar “a exigência básica determinada pela ‘excelência’”, ou seja, a exigência de proteger o poder burocrático e o gerenciamento contábil”, devendo, “no limite, ser excluídas” (ibidem: 59, aspas no original).
- 6 É desta maneira que a Universidade construiu ou colaborou para aquilo que Boaventura Santos designa por “monocultura do saber”. Para o autor, esta é uma das formas mais poderosas de produção da não-existência, isto é, tudo aquilo que está fora dos critérios de verdade da ciência moderna, é desqualificado, desprezado e invisibilizado de modo irreversível (2006b: 102). A Universidade é um dos veículos através do qual os cânones da ciência se consolidam como exclusivos da produção de conhecimento. Qualquer conhecimento produzido fora dos domínios da ciência, e conseqüentemente, da Universidade, sob este prisma, é classificado de “ignorância”.
- 7 Santos apontou, sobretudo, a ciência moderna como grande instrumento epistemicida da modernidade, quando esta deliberadamente arrasa, marginaliza ou descredibiliza todos os conhecimentos não científicos que lhe são alternativos, tanto do norte como no sul (Santos, 2006b: 155). Para além da ciência, permeiam por toda a modernidade ocidental, diversos aparelhos epistemicidas. A colonização e o imperialismo foram e são projetos que negam a diversidade de conhecimentos. Todo o sistema de organização no qual se assenta a modernidade ocultou diversas formas de opressão: o racismo, as castas, o sexismo e o colonialismo. Na mudança paradigmática proposta por Santos está contemplada uma ecologia de saberes, com base “no reconhecimento da pluralidade de saberes heterogêneos, da autonomia de cada um deles e da articulação sistêmica, dinâmica e horizontal entre eles. [...] O conhecimento é interconhecimento, é reconhecimento, é auto-conhecimento” (Santos, 2006b: 157). As populações historicamente silenciadas são partes constitutivas da chamada ecologia de saberes

necessárias para a transição paradigmática rumo à suplantação do conhecimento de regulação pelo de emancipação.

- 8 Para se redesenhar uma outra concepção de universidade menos conectada aos desígnios de mercado e mais voltada para a emancipação social dos cidadãos, é necessário trazer a ecologia de saberes para dentro das universidades. Isto significa reinstrumentalizar a prática universitária, ou seja, apreender novas maneiras de construção de conhecimento, menos pautadas pelas medidas padronizadas pela racionalidade cognitivo-instrumental. Se as ciências exatas foram responsáveis pelo desenvolvimento do modelo atual de educação e produção científica, é possível que para a Universidade do futuro, as humanidades sejam a área de conhecimento mais adequada para fazer da ecologia de saberes, uma prática universitária. Contudo, desenhar um modo de construir conhecimento dentro de um modelo estruturalmente preparado para as convenções de medida atuais, não é tarefa simples.
- 9 O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) organizou de 2004 a 2006 diversos simpósios acerca do Plano Nacional de Educação. Um deles versava exclusivamente sobre Universidade e Compromisso Social, sob a ótica das políticas de Estado direcionadas para o ensino superior e a sua relação com a emancipação social. No centro do debate estava a relação entre um sistema de ensino superior pequeno, excludente e catedrático em contraposição a um sistema inclusivo, diversificado e democrático. Está assente nesta relação uma tensão entre aqueles que defendem a universidade como um “lugar onde pessoas altamente inteligentes e rigorosamente selecionadas convivem com os melhores doutores e mestres” (Ristoff e Sevegnani, 2006: 12) e outros que entendem o ensino superior dentro de um modelo de inclusão, ou seja, um “conflito entre um sistema de educação superior de elite e um sistema inclusivo” (ibidem: 13). Em linhas gerais, os resultados deste simpósio concluíram que cabe às humanidades reverter a transformação do ensino universitário em prática de mercado pautada sobre os avanços das ciências duras para um local de construção do pensamento capaz de levar indivíduos a construir suas próprias oportunidades e de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos de um país.
- 10 Sob este aspecto, está nas humanidades a responsabilidade de incluir conhecimentos historicamente alijados da produção científica, igualmente capacitados para contribuir com a emancipação social e com a construção de uma nação soberana e democrática. A questão que se coloca neste ponto é: como efetivamente abrir espaço para estes conhecimentos, de modo a que façam parte da produção acadêmica, sem que pra isso se incorra numa hierarquização subordinada? Como enfrentar a racionalidade reguladora da Universidade para que se cumpra seu papel de tutora e tradutora da ecologia de saberes?
- 11 O Grupo de Pesquisa em Mídia Impressa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), no projeto A Invenção do Outro pela Mídia Semanal, enfrentou algumas destas questões. Através desta prática, procuraremos apontar caminhos possíveis para uma ecologia de saberes dentro da Universidade.

2. Ciências humanas e tecnologia na construção contra-hegemônica de saberes

- 12 A Invenção do Outro pela Mídia Semanal é uma pesquisa em desenvolvimento pelo Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação

e Semiótica da PUCSP, cujo objetivo é a construção de um banco de dados multimidiático com funcionamento em hipermídia sobre a mídia semanal impressa de circulação nacional. O eixo crítico do trabalho está na investigação dos modos midiáticos de construção (e, conseqüentemente, das figuras) do Outro (o pobre, o criminoso, o descamisado, o sem-terra, etc), em oposição aos modos de construção dos vencedores (os executivos, os empreendedores de sucesso no mundo dos negócios, os artistas milionários, os endinheirados etc), colocando, a partir daí, como se pode educar os leitores para a mídia².

- 13 Nas séries de paisagens culturais e políticas euforizadas pela mídia e homólogas à valorização média de seus públicos está o Mesmo. Por sua vez, o Outro midiático diz respeito “às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com seus valores, frente às quais a mídia estabelece distâncias relativas, calculadas, homólogas ao afastamento que seus públicos mantêm” (Prado e Bairon, 2007: 252). Na distância estabelecida para o Outro, a mídia institui uma série de estratégias para se resguardar e se defender: em alguns casos qualifica-o de exótico, outras vezes deixa-o às margens, ocultado dos holofotes, de modo que este “outro” possa ser assimilado, admitido, segregado ou ainda inscrito como inimigo e, portanto, excluído (ibidem: 252 e 253).
- 14 As estratégias da mídia de enquadramento ou afastamento do Outro se assemelham àquelas empregadas pelo multiculturalismo, conforme defende Žižek em sua análise (2006). Segundo o autor o multiculturalismo é a forma ideológica do capitalismo que trata cada cultura local “à maneira do colono que lida com uma população colonizada” (Žižek, 2006: 72). Ambos, mídia hegemônica e multiculturalismo estabelecem relações de distanciamento com o Outro, naquilo que, no caso do multiculturalismo, Žižek vai chamar de “racismo com distância” (ibidem). Isto significa que a identidade do Outro é respeitada, como uma “comunidade ‘autêntica’ fechada sobre si mesma, em relação à qual o adepto do multiculturalismo mantém, pelo seu lado, uma distância que torna possível a sua posição universal privilegiada” (ibidem). O resultado deste respeito e distanciamento com relação ao Outro acaba por ser uma afirmação da superioridade do Mesmo.
- 15 Sob este aspecto de designação hierárquica do Mesmo e do Outro, a mídia se consolida como um dos principais vetores de produção e reprodução de um regime de fascismo simbólico no mundo contemporâneo, quer dizer uma produção simbólica unidirecional assente em possibilidades desiguais de negociação de sentidos. Isto significa que a produção e difusão simbólica, restrita a poucos, impõe a muitos os seus valores. Tal tendência vem se acirrando nas últimas décadas com o aumento da produção cultural de massa baseada nos valores estabelecidos pela sociedade de consumo, difundidos, sobretudo através das mídias mundiais hegemônicas. O fascismo simbólico é um desdobramento das formas de fascismo social tipificadas por Boaventura Santos, ou seja, “um regime social de relações de poder extremamente desiguais que concedem à parte mais forte o poder de veto sobre a vida e o modo de vida da parte mais fraca” (Santos, 2007: 16). Para o autor, há seis formas fundamentais de fascismo social: fascismo do apartheid social, fascismo territorial, fascismo paraestatal, fascismo da insegurança, fascismo contratual e fascismo financeiro (Santos, 2006b; Santos, 2007).
- 16 O que se propõe aqui é ampliar estas formas fundamentais de fascismo social, acrescentando o fascismo simbólico, já que este também vai se configurar como um regime desigual nas possibilidades de produção e circulação de sentidos, proporcional à desigualdade das relações de poder apontada por Santos³. Trata-se de um fascismo de alto risco, pois que se impõe difusamente nas entrelinhas do cotidiano através de aparelhos sofisticados de

subjetivação simbólica. Concernente à produção e circulação de sentidos na sociedade de massa voltada para o consumo nos dias atuais, a mídia hegemônica constitui um dos aparelhos mais eficientes do fascismo simbólico. Todavia, não se pode descartar outros mecanismos também altamente competentes como a publicidade, as formas dominantes de produção artístico-cultural, o material didático escolar e a ciência.

- 17 Se nas sociedades disciplinares as massas eram organizadas a partir do seu confinamento em instituições e a subversão dos padrões estabelecidos de poder passava pelo boicote ou desestruturação destas instituições, nas sociedades de controle (Foucault, 1988) faz-se necessário desmontar as construções simbólicas dominantes⁴. A resistência não se dá mais contra as instituições, mas na desconstrução do fascismo simbólico.
- 18 Neste sentido, o trabalho *A Invenção do Outro na Mídia Semanal* tem muito a colaborar para a desconstrução dos regimes de verdade produzidos pela grande mídia. A partir da pergunta “é possível educar para a mídia?”, Prado, coordenador do projeto, defende a elaboração de um material paradidático para uso nas faculdades de comunicação, cursos na área das humanidades de um modo geral e também escolas de segundo grau:

a construção de um dispositivo hipermidiático de educação para a mídia visa dar ao leitor dados, informações e textos verbais/ visuais para que ele possa comparar reportagens de veículos diferentes, tornando-se um leitor preparado para não se deixar conduzir acriticamente pelas estratégias discursivas e comunicativas de certos dispositivos enunciadores conservadores e autoritários (Prado 2006: online)
- 19 A principal intenção da pesquisa é fornecer ao seu destinatário final “um ambiente pluridimensional para que ele perceba que não precisa de um enunciador carregado de certezas e de saberes, que pode recusar o enunciador-totalizador e onisciente” (Prado, 2006: online). Há, conseqüentemente, a possibilidade de desconstrução do fascismo simbólico por este usuário, que sequer nota estar imerso em preconceitos interiorizados, a partir de um processo de desnaturalização de valores hegemônicos. Trabalhos como este são fundamentais para apontar caminhos na direção de uma sociedade mais tolerante e sem medo do Outro, conduzindo a uma ecologia de saberes e sem desperdício dos múltiplos conhecimentos importantes para a consolidação da democracia no século XXI (Santos, 2006b).
- 20 Com a organização inicial de um banco de dados de todas as reportagens de capa das quatro revistas semanais de circulação nacional (Veja; IstoÉ; Época e Carta Capital) foram esquadrihados os modos dominantes de produção do Mesmo e do Outro, sob os seguintes temas: sucesso, riqueza, beleza, saúde, corpo, violência, periferia, pobreza, mulheres, mulheres negras, homossexuais, deficientes físicos, educação, negros. Nestes três anos de trabalho foram analisadas mais de trezentas reportagens de capa em sete mesas-redondas abertas ao público e em cerca de quarenta entrevistas a especialistas e ativistas sociais. O material gravado resultou em aproximadamente quatrocentos vídeos com duração média de três a quatro minutos cada, reunidos a textos e imagens das capas, sob a forma de uma hipermídia paradidática para distribuição em escolas, bibliotecas comunitárias e faculdades de comunicação.
- 21 Neste trabalho participaram, além de especialistas, lideranças sociais, moradores de ocupação e da periferia, artistas do hip-hop e cidadãos comuns, ou seja, o Outro midiático, longe do perfil acadêmico do “especialista”, que foram convidados a marcar seu posicionamento sobre a abordagem das revistas acerca de temas como sucesso, beleza, racismo, sexismo, violência, periferia. Esta participação trouxe linguagens e temporalidades distintas do usual acadêmico, cujas diferenças não raro, mostraram os

limites e fragilidades de realizar trabalhos desta natureza dentro das rígidas estruturas da academia. Para pontuar algumas:

1. 1. Como remunerar esta participação já que os dividendos acadêmicos não fazem sentido fora da universidade? Ao professor universitário interessa os créditos de participação e seus honorários são garantidos por salários, bolsas e verbas de pesquisa. Mas à liderança social, muitas vezes desempregada, sem verba sequer para deslocamento, os créditos acadêmicos pouco valem. Por outro lado, as instituições de fomento bancam basicamente equipamentos, não havendo possibilidade de custeio de transporte, alimentação e outros gastos relacionados a este tipo de demanda.
 2. Como lidar com temporalidades distintas? Enquanto a produção acadêmica é regulada por prazos rigorosamente estabelecidos, nas chamadas para artigos, editais, prestação de contas, etc, os compromissos fora deste universo são muito mais regulamentados por demandas do mundo da vida. Assim, várias entrevistas foram desmarcadas e remarcadas por exigências de horário de trabalho, greve dos transportes, doença, falta de recursos para a condução (ainda que fossem reembolsados depois) e até, por esquecimento.
- 22 A despeito dos limites encontrados, é fato que lidar com recursos multimidiáticos ampliou as possibilidades de participação de perfis de conhecimento bastante distintos, trazendo, especialmente, a oralidade para o centro da produção acadêmica. Ao contrário do texto coerentemente organizado, gravar uma entrevista ou uma conversa em torno de um tema permite a inclusão daqueles menos familiarizados com as regras da escrita formal.

3. A oralidade como possibilidade de saber na universidade

- 23 As novas tecnologias de comunicação, como a internet, e o barateamento de aparatos tecnológicos, como filmadoras, têm permitido um amplo resgate de saberes antes deixados de fora de registros estritamente escritos. A Rede Povos da Floresta, por exemplo, desde 2003, utiliza tecnologia da informação para conectar índios, quilombolas, ribeirinhos e populações extrativistas com o intuito de defender seus direitos, preservar sua cultura, suas tradições e territórios⁵. Os Ashaninka, do alto Rio Juruá, no Acre, em 2005, com o uso de câmeras digitais conseguiram jogar diretamente na internet denúncias contra madeireiros que estavam colocando em risco a floresta, com a derrubada ilegal de árvores, e ocupando as terras indígenas⁶⁶. Esta notícia rapidamente se capilarizou mobilizando ativistas do mundo inteiro (Krenak apud Tendler, 2006).
- 24 Na mesma direção de valorização da palavra e na sua capacidade transformadora, Massimo di Felice nos lembra das perdas e derrotas impostas ao governo mexicano pelo movimento zapatista sem que fossem necessários quaisquer ataques ou insurreições armadas (Di Felice, 2004: 298). Os comunicados do movimento ao mundo, difundidos pela internet, são o seu principal instrumento de luta. Retomando a oralidade ancestral dos povos indígenas, os zapatistas atualizaram esta tradição através das novas tecnologias, apontando para uma libertação “da concepção que vê o predomínio da ação sobre a palavra e considera a primeira uma criação da segunda” (Di Felici, 2004: 298).
- 25 A comunicação oral não deve ser confundida “apenas com o uso da palavra, pois não é puramente lingüística, mas igualmente física e social” (Ferrao, 2006: 06). A oralidade requer “presença física de falante e ouvinte, submetidos à influência do ambiente, às circunstâncias sociais e aos imperativos mnemônicos” (ibidem).

- 26 A cultura oral faz parte da história da humanidade desde tempos remotos. No Brasil, além da oralidade indígena, a cultura oral sofre forte influência da ancestralidade africana e nos repentistas do nordeste, herdeiros da tradição oral da Europa medieval.
- 27 Do continente africano, há o resgate das figuras dos griots, os contadores de história originários do que atualmente são os países de Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal. Apesar das controvérsias acerca da origem e utilização do termo “griot”, levada a cabo por historiadores e especialistas em história da África (Hale, 1997; Farias, 2004), o termo vem aparecendo no Brasil através do movimento negro e do movimento hip-hop, como um elo de ligação entre estes espaços (Brasil e África) e tempos (presente e passado).
- 28 No livro infantil *Histórias da Preta*, escrito por Heloisa Lima (2005) especialmente para cultivar um imaginário positivo para as crianças negras sobre a cultura de seus ancestrais, lê-se:
- a revista antiga foi o que sobrou no chão, aberta na imagem de um músico tocando um instrumento, dançando e cantando. Era um griot o que o vento me trouxe. [...] Aprendi então que griot é como os franceses chamaram os diélis, que é o nome bambara para esses contadores de história. Os diélis são poetas e músicos. Conhecem as muitas línguas da região e viajam pelas aldeias, escutando relatos e recontando a história das famílias como um conhecimento vivo (Lima, 2005: 22)
- 29 De acordo com Paulo Farias, pesquisador e professor do Centre of West African Studies da Universidade de Birmingham, os diélis ou jélis, são os griots, aqueles que se incumbem “da louvação e da história oral” (2004: 02). Farias destaca que na origem da palavra há um agrupamento dos griots com os ferreiros, apontando para o fato de os louvadores de história serem socialmente agrupados com os artesãos, ou seja, o griot
- é visto como um transformador tanto do invisível quanto do concreto, capaz de transformar as emoções das pessoas [...] são trabalhadores que participam dos campos de trabalho do intelectual, do artesão e do artista, e são educados como oradores, músicos, vocalistas, e especialistas do conhecimento da história (ibidem: 04).
- 30 Se o griot é um transformador do invisível e do concreto, através do seu trabalho com a palavra, ele é, acima de tudo, um agente de comunicação, assim como os repentistas.
- 31 O repente, uma das marcas da tradição oral brasileira, também designado de “cantoria nordestina” é um improviso cantado, “arte poético-musical, considerada como cristalização de sobrevivência das tradições que se imbricaram no processo de miscigenação racial, forjando uma arte que se configura como tipicamente regional” (Ramalho, 2002:03). Sua manifestação pertence tanto à cultura rural quanto urbana, embora sua origem esteja mais circunscrita ao sertão e ao sertanejo, sob forte influência dos trovadores medievais. Para alguns autores (Travassos apud Ramalho, 2002: 04) o repente mistura outros gêneros como o coco, a embolada, os aboios⁷.
- 32 O que se nota, portanto, é que as tecnologias atuais permitem registrar e difundir um leque de conhecimentos baseados na oralidade, ultrapassando os limites impostos pela escrita, tanto na sua produção, quanto reprodução e recepção. Na pesquisa *A Invenção do Outro na Mídia Semanal*, buscou-se aproveitar a oralidade como modo de produção de conhecimento válido dentro do universo acadêmico, colocando igualmente especialistas e não-especialistas para uma reflexão sobre a produção midiática. O resultado final foi um material paradidático no qual não há qualquer distinção hierárquica entre os diversos modos de conhecer o mundo. Ambos são igualmente aproveitados e difundidos para a formação escolar e universitária.

- 33 No entanto, apesar da oralidade ganhar importância frente à escrita em trabalhos desta natureza, ainda assim para determinados conhecimentos, a oralidade é tão opressora quanto a escrita. Os conflitos ao longo do processo de trabalho emergiram em de silêncios reveladores. Através de um esforço conjunto descobrimos que imagens e sons podem também dar conta de um discurso que não é oral, tampouco escrito.

4. Para além da oralidade: ouvindo os silêncios (ou sons e imagens) nas práticas emancipatórias

- 34 Como apreender linguagens não-verbais? Ao longo do processo de trabalho, foi constatado que nem todos se sentem confortáveis em exprimir suas opiniões diante de uma câmera. Muitas vezes as remarcações de conversas, apesar das inúmeras justificativas do mundo da vida, foi motivada pelo desconforto sobre a oralidade. Mesmo que a expressão oral do discurso logicamente organizado seja, em diversos contextos, menos opressora do que a escrita, ela deixa de fora manifestações artísticas, musicais, gráficas, visuais, enfim, uma gama de modos de expressão não capturáveis no formato de entrevista. Percebemo-nos, desta maneira, diante de diversas práticas sociais de produção de sentidos e o desafio seria como aproveitá-las no âmbito da pesquisa para que todos pudessem se posicionar face aos temas, de acordo com suas próprias ferramentas de conhecimento.
- 35 Não era o caso de transcodificar o modo de produzir conhecimento próprio de cada grupo sob a égide da entrevista, o que criaria uma subalternidade entre as expressividades. Mas como ampliar novamente o limite da produção acadêmica, já que o primeiro alargamento consistia na saída da escrita para o oral com todas as implicações deste trânsito? Estava-se diante de um complexo trabalho de tradução entre práticas sociais que, conforme Boaventura Santos, é um procedimento alternativo à teoria geral e à valorização de um único saber sobre os demais (2006b:123). A tradução “não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea” (ibidem: 124). Neste sentido, traduzir significa considerar cada prática social dentro de sua própria racionalidade, criando inteligibilidades recíprocas e identificando pontos convergentes e divergentes, a fim de vislumbrar as possibilidades de articulação entre elas.
- 36 Se a primeira edição da hipermídia educativa produzida pelo Grupo de Pesquisa em Mídia Impressa da PUCSP trabalhou profundamente na articulação entre oralidade e escrita, pretende-se que na próxima edição, a tradução entre as práticas se alargue. Desta forma, foi aventada conjuntamente a possibilidade de alguns participantes colaborarem com material gráfico, sonoro e fotografia, linguagens na qual fluem com mais naturalidade. Com efeito, haverá novos desafios a serem transpostos nesta etapa, recentemente iniciada, mas nas pequenas ações anti-hegemônicas do cotidiano é que reside as condições em direção a uma constelação de práticas, que em seu conjunto, configuram um grande potencial contra-hegemônico.
- 37 Sob esta perspectiva, acreditamos estar nas humanidades, através de pequenos projetos possíveis de multiplicação e desdobramentos, a função de tutores para fazer valer dentro da universidade os diversos conhecimentos que ao longo de séculos foram negligenciados pela ciência moderna hegemônica.

BIBLIOGRAFIA

- Bellei, Sérgio (2006), “Universidade, Mercado e Crise do Pensamento”, in Ristoff, Dilvo e Sevegnani, Palmira (org.), *Universidade e Compromisso Social*, coleção *Educação Superior em Debate*. Brasília: INEP. 4, 53-64. [1ª ed.].
- Di Felici, Massimo (2004), “As Armas Comunicantes: o Papel da Comunicação nos Novos Movimentos Revolucionários: o Caso Zapatista”, in Peruzzo, Cicília (org), *Vozes Cidadãs: Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina*. São Paulo: Angellara, 281-303. [1ª ed.].
- Farias, Paulo (2004), *Griots, Louvação Oral e Noção de Pessoa no Sahel. Conferência no Departamento de História da USP*. Disponível em www.casadasafricanas.org.br. Acedido em 3 de Maio de 2008.
- Ferrão Neto, José (2006), *Oralidade, escrita, comunicação e jornalismo: contribuições da Escola de Toronto e da dialética da história*, VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom (NP de Jornalismo). Brasília, setembro. Disponível em <www.intercom.org.br>. Acedido em 3 Maio de 2008.
- Foucault, Michel (1988), *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e Guilhon Albuquerque. [1ª ed. Brasil; 1976, França].
- Freire, Paulo (2006), *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. [45ª ed.; 1970]
- Hale, Thomas (1997), “From the Griot of Roots to the Roots of Griot: a New Look at the Origins of a Controversial African Term for Bard”, *Revista Oral Tradition*, 12 (2), 249-278. Disponível em <<http://journal.oraltradition.org>>. Acedido em 3 de Maio de 2008.
- Lima, Heloísa (2005), *Histórias da Preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas. [2ª ed.].
- Prado, José Luiz (2006), “Linhas de Fuga, da Mídia Semanal à Hipermídia: É Possível Educar para as Mídias?”, *Revista Intexto*, 15. Disponível em: <www.intexto.ufrgs.br>. Acedido em 14 de Novembro de 2007.
- Prado, José Luiz e Bairon, Sérgio (2007), “A Invenção do Outro na mídia semanal”, in Lago, Cláudia e Benetti, Márcia (org.), *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petropolis: Vozes, 251-278. [1ª ed.].
- Ramallo, Elba (2002), “Cantoria Nordestina: Pensando uma Estética da Cultura Oral”, IV Congresso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Musica Popular. México, abril de 2002. Disponível em <www.hist.puc.cl/iaspm/mexico>. Acedido em 28 de Abril de 2008.
- Ristoff, Dilvo e Sevegnani, Palmira (org.) (2006), *Universidade e Compromisso Social*. Coleção *Educação Superior em Debate*, 4. Brasília: INEP. [1ª ed.].
- Santos, Boaventura (2005), *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. São Paulo: Cortez. [10ª ed.].
- Santos, Boaventura (2006a), “Una Nueva Cultura Política Emancipatoria”, *Renovar la Teoría Crítica y Reinventar la Emancipación Social*. Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 43-70.
- Santos, Boaventura (2006b), *A Gramática do Tempo*. São Paulo: Cortez. [1ª ed.].
- Santos, Boaventura (2007), “Para Além do Pensamento Abissal: Das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes”, *Revista Crítica Ciências Sociais*. 78, 03-46.

Tendler, Silvio (2006), *Encontro com Milton Santos ou o Mundo Global Visto do Lado de Cá*. Brasil: Caliban Produções, documentário, 90 minutos, cor.

Zizek, Slavoj (2006), *Elogio da Intolerância*. Lisboa: Relógio D'Água. Tradução Miguel Pereira. [1ª ed. Portugal].

NOTAS

1. Este artigo está redigido conforme regras gramaticais e ortográficas do Brasil.
2. Esta pesquisa está em desenvolvimento desde 2005, sob a coordenação geral de José Luiz Aidar Prado, com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A autora deste artigo colabora no projecto desde 2006, especificamente nos módulos temáticos sobre periferia, violência, movimentos sociais, mulheres e homossexuais.
3. O conceito de fascismo simbólico está desenvolvido na tese de doutoramento da autora deste artigo, a ser defendida na PUCSP no segundo semestre de 2008.
4. Ao analisar as diferentes relações de poder historicamente constituídas, Foucault identifica a lterações significativas naquilo que ele denomina sociedade soberana, disciplinar e de controlo. Se na primeira tratava-se mais de um poder de causar a morte ou deixar viver, a partir do século XVII o poder sobre a vida diz respeito à sua gestão, estabelecendo o que o autor define como biopoder. Já, nas sociedades de controlo, os dispositivos de um poder disciplinar se espalham pelas camadas de toda estrutura social, presente nas inter-relações do cotidiano (Foucault, 1988).
5. Na página www.redepovosdafloresta.org.br tem diversas informações sobre o uso da internet como instrumento de troca de conhecimento e conexão entre estes povos.
6. A Associação do Povo Ashaninka do Rio Amazônia mantém um blog em <http://apiwtxa.blogspot.com>.
7. O coco é uma dança tradicional no norte e nordeste do Brasil, cuja forma musical é cantada em versos por um puxador e um coro, acompanhados de ganzá ou pandeiro e da batida dos pés. A embolada é a arte cantada de improvisos realizados por uma dupla e uma base de instrumentos de percussão. É travado um diálogo entre os dois desafiantes, diferente do repente, cuja temática é basicamente versar sobre a vida cotidiana. O aboio é o canto do vaqueiro para orientar o gado pelas estradas ou para o curral.

RESUMOS

O lugar das Ciências Sociais e Humanas (CSH) na universidade do futuro deve ser pensado a partir de uma ecologia de saberes. Nesse rumo, acreditamos caber às humanidades a função de tutores para fazer valer dentro da universidade os diversos conhecimentos que ao longo de séculos foram negligenciados pela ciência moderna hegemônica. Pensaremos esse papel das CSH a partir da experiência com a pesquisa *A Invenção do Outro na Mídia Semanal*, desenvolvida na PUCSP/Brasil. Neste trabalho participaram, além de especialistas, lideranças sociais, moradores de ocupação e da periferia, artistas do hip-hop e cidadãos comuns. Apesar da oralidade ganhar importância em trabalhos desta natureza, ainda assim para determinados conhecimentos, a oralidade é tão opressora quanto a escrita. Descobrimos conjuntamente que imagens e sons

podem também dar conta de um discurso que não é oral, nem escrito. Esta descoberta foi imersa em silêncios reveladores.

ÍNDICE

Palavras-chave: ecologia, saber, ciências humanas, universidade, emancipação, oralidade

AUTOR

ANDRÉIA MOASSAB

É arquiteta-urbanista, doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUCSP (Brasil), com a pesquisa Hip-Hop: Comunicação e Resistência no Brasil Contemporâneo. Desde 1992 trabalha com planejamento urbano e desenvolvimento regional, tendo coordenado projetos em diversas partes do país. Nos últimos anos se dedicou a estudos de arte contemporânea. Participa do Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa da PUCSP. Atualmente faz seu estágio de doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal).